Homicídio de jovens na periferia de Salvador (Bahia, Brasil)

The homicide of the young girls in the periphery of Salvador, Bahia (Brasil)

José Eduardo Ferreira Santos e Ana Cecília de Sousa Bastos

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/574>

DOI: 10.4000/ras.574

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2011

Paginação: 149-161

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

José Eduardo Ferreira Santos e Ana Cecília de Sousa Bastos, « Homicídio de jovens na periferia de Salvador (Bahia, Brasil) », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 8 | 2011, posto online no dia 13 dezembro 2013, consultado no dia 03 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/ras/574> ; DOI : 10.4000/ras.574

Homicídio de jovens na periferia de Salvador (Bahia, Brasil)

José Eduardo Ferreira Santos
Ana Cecília de Sousa Bastos

Resumo

O presente artigo analisa a violência contra jovens mulheres da periferia de Salvador (Bahia), tomando como referência o caso de jovens que foram assassinadas por pertencer à rede de relacionamento de outros jovens, rapazes, inseridos em trajetórias de marginalidade. O estudo etnográfico realizado reconstitui, através de entrevistas e grupos focais, as trajetórias de desenvolvimento, as formas de violência perpetradas contra as jovens, dentre elas o homicídio, inclusive quando praticado no âmbito das relações afectivas. Por fim, apresentamos, numa espécie de *continuum*, a trajetória de marginalização das jovens, culminando com o óbito. Nas conclusões, questiona-se o relativo silêncio das instituições sociais, inclusive no âmbito da universidade, face à recorrência desses homicídios.

Palavras-chave

Homicídio de jovens, violência, género.

1. Introdução

A violência contra as mulheres tem sido objecto de investigação em diversos campos disciplinares, dentre eles a Saúde Colectiva, que tem contribuído efectivamente para o debate e implantação de políticas públicas. No presente estudo, esta problemática é examinada na interface entre a Psicologia Cultural do Desenvolvimento, a Antropologia e as Ciências Sociais em Saúde.

O homicídio entre jovens vem-se constituindo como um problema emergente de saúde pública e, enquanto tal, é predominantemente estudado considerando jovens do sexo masculino: não apenas são estes as principais vítimas, como também é a violência a principal causa de mortalidade entre a população de homens jovens [Cecchetto 2004]. Este artigo pretende analisar mecanismos através

dos quais se constituem as situações de violência envolvendo jovens do sexo feminino, habitantes do Subúrbio Ferroviário, na periferia de Salvador (Bahia, Brasil).

A violência contra a mulher, como é sabido, compreende múltiplas dimensões. De acordo com Porto, envolve as dimensões doméstica, familiar, sexual, psicológica, física, interligadas; concerne também vulnerabilidades intrínsecas à condição de ser mulher. Especificamente, a violência contra a mulher

caracteriza-se por ser uma violência cometida por um homem contra uma mulher, sendo determinada pelos modelos culturais do que é ser homem, do que é ser mulher e de qual a função da violência nas relações interpessoais e de poder. Essa condição de género determina a existência desse tipo de violência, mais frequentemente, no espaço socialmente estabelecido para as mulheres: o espaço privado, a família, o domicílio. [Porto 2006: 48]

Num estudo sobre repercussões do homicídio entre jovens da referida área, observámos que a violência (e em particular, o homicídio) é um dado pouco divulgado, apesar de recorrente. As análises então realizadas [Santos 2008] levam-nos a perguntar qual a genealogia do homicídio entre os jovens e os aspectos do quotidiano que nos permitem identificar a emergência dessa forma de violência, assim como as repercussões no contexto de desenvolvimento. No caso de jovens mulheres, tais questões apontam para as dinâmicas do contexto onde ocorrem tais eventos e como as redes de relações são refeitas, ou seja, os impactos sobre os outros jovens, nas famílias e, enfim, em toda a periferia.

Para responder a essas questões, foi necessário um mergulho na história das jovens, nas dinâmicas da periferia onde habitam, de modo que fosse possível mostrar os factores que antecedem os homicídios e o modo como alteram as formas de relacionamento dos 'sobreviventes' com a realidade. E mais: foi necessário considerar os movimentos de inclusão e exclusão que identificam suas trajetórias.

O aumento dos homicídios coincide particularmente com a entrada do tráfico de drogas e toda sua dinâmica na periferia de Salvador, facto relativamente recente. O tráfico significa uma nova lógica sendo implantada, cuja organização não leva em conta outros aspectos relacionais socialmente aceites, como a proximidade ou o conhecimento por habitar o mesmo território ou compartilhar determinados ambientes e actividades. A lógica do tráfico implica numa relação de consumo e não de colaboração, como era comum perceber entre os jovens da periferia ao longo das últimas décadas [Santos 2005a, 2005b, 2007]. Ou seja, no tráfico, as relações implicam em maior vulnerabilidade condições de riscos, em particular quando apontam para uma maior exposição à violência, distanciando-se das dinâmicas que anteriormente poderiam organizar os espaços de socialização.

Nas últimas décadas, no Brasil, a população jovem (cerca de 34,1 milhões, ou 20,1% do total da população, segundo dados do censo de 2000) vem apresentando altos índices de vitimização ou perpetração da violência, o que configura importante campo de interesse para estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento, devido à grande variedade de situações e de questões relacionadas com a saúde e a protecção [Abramo & Branco 2005].

Há também a explicitação de certo rótulo ou estigma [Goffman 1988, Elias & Scotson 2000, Bastos et al. 2007] que segrega os jovens quando estes começam a reorientar as suas trajetórias na marginalidade e toxicodependência.

Estudando a trajetória de jovens da periferia de Salvador [Santos 2005a], o nosso propósito foi o de identificar algumas formas particulares de violência e exclusão que as vitimam – algo ainda pouco analisado no seu cotidiano e a ser compreendido certamente no contexto da actual situação de violência que aflige a juventude brasileira e as suas repercussões de modo mais amplo:

Está em curso no Brasil um verdadeiro genocídio. A violência tem se tornado um flagelo para toda a sociedade, difundindo o sofrimento, generalizando o medo e produzindo danos profundos na economia. Entretanto, os efeitos mais graves de nossa barbárie não se distribuem aleatoriamente. Como tudo no Brasil, também a vitimização letal se distribui de forma desigual: são, sobretudo, os jovens pobres e negros, do sexo masculino, entre 15 e 24 anos, que têm pagado com a vida o preço de nossa insensatez colectiva. O problema alcançou um ponto tão grave que já há um *déficit* de jovens do sexo masculino na estrutura demográfica brasileira. Um *déficit* que só se verifica nas sociedades que estão em guerra. Portanto, apesar de não estarmos em guerra, experimentamos as consequências típicas de uma guerra. Nesse caso, uma guerra fratricida e autofágica, na qual meninos sem perspectiva e esperança, recrutados pelo tráfico de armas e drogas (e por outras dinâmicas criminais), matam seus irmãos, condenando-se, também eles, a uma provável morte violenta e precoce, no círculo vicioso da tragédia [Soares 2004: 130-1].

O homicídio entre jovens também gera repercussões de forte impacto nas famílias e no modo como, a partir da experiência de violência, vão redireccionar-se as suas trajetórias de desenvolvimento.

O homicídio configura-se como espécie de extermínio, cujas consequências podem ser entendidas no âmbito de uma inaceitável prática que destrói vidas e surge dos conflitos humanos. Procurando analisá-lo, vemos que está relacionado com factores como o tráfico de drogas, posse de armas e a própria dinâmica da periferia, mas não somente nela, enfim, que fazem parte de um contexto socio-cultural estabelecido e situado na contemporaneidade.

De acordo com Cruz-Neto & Minayo [1994: 211],

compreender o fenómeno do extermínio significa, para os estudiosos, trazer à tona esta prática, que por si só deve ser considerada inaceitável ao convívio, à segurança e à cidadania. O seu traço fundamental é ser constituído enquanto uma mentalidade, dentro de um processo político-ideológico com um nítido propósito de destruição de vidas, referendado na necessidade de exclusão do outro. O extermínio, enquanto dinâmica social, é fruto, fundamentalmente, dos conflitos humanos gerados pela negação do outro, do diferente e da utopia da igualdade. A negação da igualdade vem sendo cada vez mais caracterizada pela crescente concentração de renda nas mãos de pequenos grupos, gerando uma marcante diferenciação entre os que tudo têm e os demais, que nem sequer podem ser. Para uma grande parcela destes últimos resta como perspectiva a sobrevivência em meio à pobreza e à miséria, ou o envolvimento em esquemas de acentuada violência, onde a vida se torna artigo ou coisa sem valor e onde a morte pode ser precocemente anunciada.

No presente estudo, portanto, procuramos reconstituir as trajetórias de desenvolvimento das jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador, cujo homicídio resultou do envolvimento com jovens inseridos na marginalidade.

Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo foi a etnografia [Oliveira 2000, Laplantine 2000 e 2005], com procedimentos metodológicos orientados por uma perspectiva de levantamento das trajectórias de desenvolvimento das jovens, assim como as situações de violência que as vitimam.

Foram realizados grupos focais¹ com jovens da periferia de Salvador e entrevistas individuais, de onde foram extraídos os dados que compõem este estudo. Através de depoimentos, procurámos identificar tais situações de violência.

Este estudo é uma construção teórica e empírica. Reflecte a busca por um conhecimento sobre a realidade quotidiana e contextual de jovens da periferia. Para analisar a natureza desse saber, é preciso apontar a metodologia que o norteia, pois há uma lógica interna por esclarecer.

A abordagem etnográfica implica uma perspectiva de pesquisa num contexto social ao longo do tempo, sistematicamente, sem perder a capacidade de estranheza e espanto, identificando fenómenos construídos quotidianamente, deixando que o olhar permaneça de modo a descrever e analisar as suas dinâmicas [Boumard 1999, Cardoso 2004, Ghasarian 2004, Jacobson 1991, Laplantine 2000 e 2005, Oliveira 2000, Peirano 1995].

A etnografia implica, ainda, o encontro de vozes e olhares múltiplos sobre um fenómeno. Segundo Boumard [1999: 1], a etnografia “pode ser considerada como um método, no sentido de técnica de trabalho. Centralizada sobre a noção de observação participativa, ela insiste sobre as técnicas de trabalho de campo, as práticas de observação, o diálogo etnográfico como dispositivo, as técnicas de inquérito em geral, levando a recortes com as histórias de vida ou algumas formas de pesquisa-acção.”

Para encontrar os jovens na periferia, foram utilizadas diferentes técnicas e ferramentas metodológicas que valorizaram a escuta e a descoberta do quotidiano, dentre elas as entrevistas individuais e grupos focais, aqui denominados “Pombo Sujo”, assim como a observação participante, no intuito de orientar “para um campo de investigação e para a linguagem local e observar os processos de consenso e divergência [buscando] explorar em profundidade o mundo da vida do indivíduo” [Gaskell 2003: 78].

Nos encontros do ‘Pombo Sujo’, foram abordados temas ligados à juventude, violência e pertença. O título surgiu a partir de uma denominação depreciativa sofrida por um dos participantes, de um agente da polícia na periferia de Salvador. Essa iniciativa possibilitou discussões sobre a situação da juventude da periferia e a violência.

Um total de trinta e seis jovens de ambos os sexos foram seleccionados para participar das entrevistas individuais e grupos focais, a partir de critérios como a faixa etária, de 18 a 24 anos e por habitarem na periferia. No contrato de participação, assinou-se o termo de consentimento informado, resguardando a identidade dos sujeitos, dentro dos procedimentos vigentes da ética na pesquisa.

•

1. Grupos de discussão (*focus groups*). [nota do editor]

Delimitação do *corpus* de análise

A análise dos dados foi realizada a partir da organização do material produzido, enfocando aspectos que convergem ou sinalizam discrepâncias sobre as repercussões do homicídio entre jovens.

Neste sentido, a abordagem de análise temática seguiu uma estrutura que se baseia no olhar antropológico [Oliveira 2000; Laplantine 2005], em que o trabalho está ligado ao olhar, ouvir e escrever, em constantes idas e vindas do registo e da análise na elaboração do texto etnográfico [Marcus & Cushman 2003].

A partir da constituição do *corpus* textual, onde foram agrupados os dados das entrevistas e textos etnográficos, foi realizada a análise temática, na perspectiva proposta por Gaskell [2003:84].

Diante do material produzido, foram utilizados diversos procedimentos de análise, como: transcrição, procura por temas, leitura e releitura, interpretação, representações centrais e periféricas, disseminadas dentro de um meio social.

A partir das entrevistas, depoimentos e grupos focais foram elaboradas as trajetórias de 4 jovens que foram assassinadas na periferia de Salvador, identificando aspectos recorrentes nessa forma de violência.

O corpus de análise está constituído por depoimentos e relatos dos participantes ao estudo sobre as trajetórias de jovens assassinadas, procurando identificar os aspectos presentes nas trajetórias e proporcionar a tipificação dos casos.

Homicídio das jovens: a violência no âmbito afectivo-relacional

A violência atinge as jovens de forma muito específica, relacionada com os aspectos afectivos e do envolvimento com o tráfico de drogas. Elas são vítimas de agressões e mortes, o que mostra que a violência relacionada com o tráfico não está restrita ao universo masculino. Um dos jovens entrevistados descreve um dos casos mais emblemáticos de homicídio de jovens ocorridos no Subúrbio Ferroviário de Salvador:

Tem muita jovem que sofre. Tem umas que já sofreu estupro (sic) aqui. S. mesmo já foi estuprada (sic) duas vezes e já tentaram de novo e não conseguiu (sic). Hoje em dia, a maioria das meninas tudo grávida, as meninas novas, de 15, 14 anos, tudo engravidando, não pensam muito na vida. As jovens sofrem mais violência porque elas hoje em dia só quer usar aquelas roupas curtinhas, e aí os cara fica tudo muito doido, usando drogas, fumando maconha, cheirando cocaína, aí fica tudo muito doido. Quando eles tão são elas passa tudo de shortinho e eles tá ali, na hora que eles cheira, fuma, aí elas vai passar de noite com aquele shortinho, eles dá psiu elas não liga, eles vão lá estupram, batem, às vezes até matam, o então é ameaçada “ó, eu vou lhe matar se você disser que eu lhe estuprei. Eu te mato”. E ela não conta nada com medo. As jovens sofrem, mas os jovens que sofre mais é porque anda num meio errado, assim... porque vê, quer dizer, eu tenho um amigo ele tá ali todo arrumado, com roupa de marca, aí eu, “p., véio, o cara só anda todo arrumado, cheio de marca e eu só ando assim...”, mas é porque ele não sabe o que é o dinheiro suado. O dinheiro dele

entra fácil, aí vai muitos que vê o amigo assim ficar todo cheio de marca e diz: “é, vou entrar também no tráfico”, aí vai e entra, fica traficando, aí acaba morrendo de dívida de droga ou então é “olho grosso” na “boca” do outro e um acaba matando o outro (G.S.C, 20 anos, sexo masculino).

A violência contra as jovens assume diversas formas. Ao descrevê-las, o jovem G.S.C (20 anos, sexo masculino) menciona os aspectos sexuais, afectivos e relacionados com o poder – na medida em que mecanismos de intimidação das jovens mulheres pelos perpetradores de violência se apresentam já nos estágios iniciais do processo que leva à agressão. Para ele, os jovens são mais visados do que as jovens por se envolverem mais com o tráfico, ao passo que a violência contra as jovens é mais “interna”; não tem a ver com morte, mas com “agressão”.

Num dos grupos focais, no entanto, evidenciou-se o contrário: as jovens também são alvo da violência que leva à morte, principalmente se elas se relacionam com jovens que estão inseridos no tráfico de drogas.

Nas situações de briga e acertos de conta entre os componentes de quadrilhas, quando o jovem procurado não é encontrado, elas podem tornar-se vítimas potenciais, chegando à morte e podendo ser torturadas com requintes de crueldade.

G.S.C (20 anos, sexo masculino) afirmou que as jovens sofrem violência de todo o tipo, mas principalmente a violência sexual. Citou o caso de uma delas, que foi estuprada duas vezes e apanha constantemente do namorado, sem expressar qualquer reacção.

Esse tipo de violência contra as jovens é um traço presente nalguns relacionamentos em que ela vai perdendo a liberdade, pois o parceiro exerce um poder coercitivo que impede o estabelecimento de redes de relacionamento mais amplas, principalmente com outros jovens do sexo oposto. Deste modo, restringe-se a sua possibilidade de trânsito e reduz-se a perspectiva de vida, na medida em que elas se vêem duplamente cerceadas na sua liberdade, quer seja pelas situações do contexto mais amplo (violência, estupro, intimidações), quer seja pela entrada dessas expressões de violência nos seus relacionamentos mais próximos.

Para as jovens analisadas, os relacionamentos afectivos implicam pois a redução da socialização, imposta pelos namorados, que imprimem um sentido de posse, operando como censores daquilo que elas podem ou não fazer, tendo que delimitar os lugares aonde vão, as pessoas com as quais andam, os amigos, enfim, tudo para os satisfazerem.

Mesmo com todos os avanços historicamente conquistados pela mulher em relação aos seus direitos, o domínio afectivo parece nalguns momentos não ser modificado por tais conquistas.

O facto de namorar um jovem inserido no tráfico de drogas significa submissão a um ‘poder’ de persuasão pessoal que, numa escala de progressão, pode chegar à violência física, dada a relação de dependência e submissão que se estabelece. É necessário que a jovem seja muito determinada para ultrapassar essa situação e deve ter capacidade de reacção para não se deixar intimidar pelo parceiro.

Na pesquisa, deparámos com a integração das jovens como vítimas e protagonistas de trajectórias de marginalidade.

Os casos: o homicídio das jovens

Um dos relatos analisados neste estudo foi a história de duas jovens que foram assassinadas por marginais da periferia.

E o outro caso é o das meninas que acharam os corpos na R. Aquelas duas também andaram comigo, a gente brincava juntas. Uma era S. e a outra era T., eram duas meninas, a gente brincava de tudo que tinha naquela época: pular corda, bater lata, elas andavam sempre lá em casa, a gente brincava de boneca e foi uma coisa assim tão repentina. Elas começaram a crescer e ninguém percebeu como elas começaram a se envolver. Quando foi dar por fim já estavam totalmente envolvidas. As duas usavam drogas e eram mulheres de criminosos, e inclusive dizem que a morte delas duas foi por isso, que a quadrilha rival matou as duas. Levaram elas pra um barraco, na rua F.T., e lá torturaram as duas até a morte, depois pegaram. Amarraram uma corda no pescoço e jogaram lá na R.

Eu fui pro enterro. E uma coisa assim, que quando o caixão chegou não tinha quase ninguém no enterro. Primeiro chegou o caixão de T. Só tava lá a família, a mãe, a irmã, o irmão. E o caixão tava fedendo bastante, fedendo tanto que nem demorou muito lá na capela por causa do mau cheiro, que tava demais. Depois foram chegando outras pessoas. O outro caixão, quando chegou, era da menina mais conhecida lá da rua. Aí ficou aquela agonia: abre o caixão, por causa de gente curiosa, que não tem o que fazer, que vai pro enterro não por causa do sentimento da pessoa, mas pra ver como o corpo estava e abre o caixão, não abre. F (irmão), brigou com todo mundo, ficou logo nervoso. Queriam ver o quê dentro caixão, se já sabiam que ela tinha morrido?. O de T. não abriu, mas o de S. abriram, só que eu não fiquei pra ver, porque do jeito que tavam (sic) relatando que elas estavam e depois de tanto tempo no mar, o fedor que tava, abriram o caixão. Eu não entendo...

Elas tinham 15 e 16 anos. Eram novinhas. Elas cresceram assim de repente, e quando ficaram mocinhas, entraram *nessa vida*. A mãe dela queria uma foto, porque ela não tinha uma foto da filha, nenhuma, nem 3X4. Ela chorou, chorou, o *bairro inteiro se lamentando*. Ela também chorava porque a filha dela tinha ido embora e ela não tinha nada e ela não ia ficar com nada de recordação da filha. Aí elas se mudaram do bairro. Depois, um amigo achou uma foto dela, mas a mãe já tinha ido embora, e era uma foto da catequese, com todo mundo, a galera toda e tem ela sentada em destaque, bem na frente dando risada. A mãe dela ia gostar de ter essa foto. Eu também tenho uma. Mexendo nas minhas coisas eu achei uma foto dela de criança. (*E. P. S., sexo feminino, 24 anos*)

Antes de serem mortas, as duas jovens foram torturadas num barraco das antigas palafitas da área. Os seus corpos foram colocados num barco e depois atirados ao mar — um crime que não foi solucionado.

No relato, a entrevistada referiu com pesar a dor da mãe de uma das jovens, que não tinha sequer uma foto da filha para se lembrar dela. Algum tempo depois, um jovem, amigo da filha, descobriu fotos dela, mas era tarde demais: a mãe teve que se mudar e nunca mais voltou ao bairro.

Algumas outras situações de violência contra as jovens ocorreram também com aquelas que estavam envolvidas em situações de marginalidade e tráfico.

A violência contra os jovens do sexo masculino é mais visível, por causa da exterioridade dos factos. Já contra as jovens a violência dá-se no espaço privado, geralmente uma casa, onde a maioria das formas de violência (sexual, morte, agressão) acontece no âmbito das relações afectivas.

Contra os jovens, a violência está relacionada com o espaço público, constituindo este um fenómeno similar ao identificado por Bauman [1999] ou Maffesoli [2001], quando se referem às forças da globalização que fazem os jovens transitar através de diferentes espaços. No espaço da favela, ao invés de isto ser avaliado de forma positiva, é percebido como um facto que coloca em risco as suas vidas.

Já as jovens não precisam de delimitar o seu espaço pelo uso da força. As suas acções estão mais voltadas para outras formas de socialização que se pautam pelos laços afectivos e não pela delimitação territorial. As jovens não são protagonistas desse tipo de violência gerada pelo uso do espaço, porque com elas acontece, na esfera das relações, a repetição de formas de violência relacionadas com a casa e com as relações afetivo-sexuais, sendo percebidas como *propriedade*, cuja posse faz com que os jovens tenham um domínio exacerbado sobre elas, podendo praticar uma violência que muitas vezes se esconde no ambiente doméstico. Assim, a violência contra as jovens pode não ser tão visualizada, mas existe e cada vez mais está presente nas relações das jovens com seus os parceiros.

Para que entendamos um fenómeno, como dizia Valsiner [2006], precisamos de analisar não apenas o momento da sua irrupção, mas o da normalidade, que envolve muitas vezes aquilo em que não prestamos a atenção. Ou seja, é necessário perceber que nos movimentos mais corriqueiros de uma relação, a violência está presente no espaço privado e no âmbito afectivo.

Quando a violência irrompe, ela é a expressão de um *continuum* ascendente de uma história que tem factos que tendem a tornar-se *normais* e diante dos quais é difícil estimar a respectiva gravidade. Justamente por ser contínua e que se actualiza em pequenos gestos e nos espaços das relações domésticas e afectivas, é que a percepção mesma dessa violência se torna difícil perceber para quem dela é vítima.

A violência contra as jovens na periferia de Salvador, no entanto, também é perceptível, socialmente declarada, conforme o seguinte depoimento:

Teve um estuprador que pegou a minha ex-namorada lá em P., estuprou e ainda matou. E agora foi o marido de minha prima, namorado, que pegaram e mataram, porque ele era ladrão. Pegaram o irmão dele e ele e mataram, lá em P., no campo. A gente tava num candomblé: eu e ela e meu pai, e meu irmão e minha cunhada e o estuprador tava se escondendo e encarando pra ela. Quando deu doze horas, ela pegou foi embora, eu não quis ir com ela pra comer o caruru. Quando foi de manhã a gente só soube a notícia: ela foi morta. Quando fez um mês pegaram o estuprador e mataram, lá mesmo em P. Eu fiquei muito triste porque perdi a namorada boa e eu saía, gostava. Logo depois disso não deu mais vontade de namorar porque eu fiquei muito sentido e também minha sogra me prometeu que a filha dela ia crescer e ia dar pro meu irmão namorar. Meu irmão quase caçula. E agora ela tá crescendo e minha ex-sogra vem aí e pergunta por meu irmão. Depois disso eu não tive mais relação sexual com ninguém." (A.S.O., 19 anos, sexo masculino)

Um *continuum* de marginalização das jovens

Tomando como exemplo outra situação que envolve as jovens, no caso, aquelas que ingressam na marginalidade, há um processo de crescimento rápido, que muitas vezes não é percebido pelas pessoas do seu ciclo de relacionamento.

É possível que as próprias transformações da puberdade dificultem a percepção de que as jovens não são mais crianças e estão cada vez mais precocemente a ter contacto com novas experiências, como as afectivas.

Pode não haver nenhuma partilha dessas experiências com outras pessoas e mesmo na família, o que favorece muitas vezes o relacionamento com jovens envolvidos no tráfico de drogas, cujos recursos financeiros e simbólicos exercem fascínio e atracção sobre as meninas, como o respeito que elas adquirem ao namorá-los, ou mesmo a facilidade de dispor de dinheiro.

A relação de dependência e submissão estabelecida faz com que elas sejam identificadas pela associação com os traficantes com os quais se relacionam e são assim trazidos danos às suas vidas, pois na impossibilidade de perpetrarem violência contra eles, serão elas as atingidas. Então, o *continuum* de envolvimento das jovens na marginalidade é diferente dos jovens. Da infância para a adolescência, os processos de desenvolvimento realizam-se de forma muito acentuada entre os 11 e os 16 anos, não sendo facilmente perceptíveis pelos pais. Muitas vezes, as jovens já assumem papéis não reconhecidos por outras pessoas. Assim, quem está acostumado a perceber o desenvolvimento de forma externa não consegue acompanhar as mudanças ocorridas.

Os relacionamentos afectivos indicam uma mudança nas relações das jovens com as pessoas e com o lugar, pois elas são associadas a eles. Essas mudanças são indicadas pela impossibilidade de se envolverem com outros jovens, por exemplo.

Há um fascínio na percepção desse envolvimento afectivo. É como se houvesse uma forma mais arriscada e ao mesmo tempo protectora do que noutras relações, para além de que há também maior disponibilidade de recursos simbólicos (*status*) e financeiros.

O envolvimento com os marginais, a dependência e submissão mostram que neste momento em que há envolvimento com os traficantes aparece como característica o facto de que as jovens começam a submeter-se a uma lógica de dominação e de cerceamento da liberdade, passando a ser “propriedade” dos seus namorados. E essa lógica impede outros relacionamentos, porque elas começam a estar associadas à figura do marginal, o que lhes ocasiona riscos e mesmo protecção, relacionando-as ainda às práticas desses jovens.

Assim, se o jovem traficante é temido, a jovem, por um processo de analogia e correlação, também passa a ser temida e torna-se uma *persona non grata* na favela, de modo que pode ser vítima das práticas ilícitas do seu parceiro. Por exemplo, como já dissemos, quando ele é perseguido e não é encontrado, pode ocorrer que ela venha a ser vitimada.

A submissão indica uma forma de relacionamento onde há o poder e a força como características que a oprimem, sem espaço para a liberdade de acção. Em relação ao género, esse padrão fez-se presente por muitos séculos no Brasil, dado o poder e o lugar do homem nas famílias patriarcais — traço ainda existente em todos os estratos sociais, mas que se tem modificado nas últimas décadas.

Com o consumo de drogas e a mudança de hábitos, as jovens vão assumindo características dos jovens traficantes: começam a envolver-se em práticas iguais às deles e a mudar os seus hábitos, pois a partir do envolvimento, há assunção de novos papéis inseridos na marginalidade que reconfiguram

os aspectos externos delas (identificadas com os marginais). O uso de tatuagens e a frequência de espaços onde há comércio e consumo de drogas (como bares e *bocas*) indicam essas mudanças.

No âmbito privado, ocorrem situações de violência que não são denunciadas devido ao medo implicado na relação, sendo estas as características do 5o acto: as violências sofridas são estupro e espancamento. Muitas vezes há o conhecimento dessas formas de violência, como o estupro e espancamento aos quais às jovens são submetidas, mas no âmbito privado há uma espécie de silêncio e não intervenção das pessoas externas à relação. A jovem não tem como se distanciar dessas violências, visto que a própria relação com ele indica que há movimentos tanto de protecção quanto de risco, que são assumidos por elas.

O outro aspecto desse *continuum* de envolvimento das jovens com os traficantes é o homicídio, como no caso aqui analisado de duas jovens que foram mortas por motivos de vingança em relação aos seus parceiros. Com o assassinato, veio posteriormente a *desova* dos corpos no mar, com pedras no pescoço para que não fossem encontrados.

Essas trajetórias são marcadas, posteriormente, pelo esquecimento, pois poucos indícios foram deixados pelas jovens. Aqui, o facto da mãe não ter uma foto da filha é emblemático e acentua a falta de registo e do esquecimento de jovens que estão inseridos em trajetórias de marginalização, como se não tivessem existido.

Por fim, há uma saída da família do bairro, pois não consegue permanecer no lugar onde ocorreu o homicídio, inclusive para manter a sua integridade física — pois habitar no mesmo bairro indica que não é possível conciliar a lembrança da filha com a presença dos perpetradores que perambulam pelas ruas do bairro. Então, a família precisa de ir para outro local, para se restabelecer nesse outro contexto.

Há também a sensação de vigilância da família que, inconformada, pode querer denunciar o caso — o que geralmente não acontece, por causa das represálias e do conhecimento que os marginais podem ter sobre tais intentos, uma vez que os mesmos têm acesso a informações privilegiadas, por meio de informantes locais. Assim, a família que permanece no local perde a liberdade de trânsito na área onde habita.

Trajectórias das jovens assassinadas

Neste estudo, foram analisados os casos de quatro jovens que foram assassinadas por fazerem parte da rede de relacionamento de jovens inseridos em trajetórias de marginalidade e envolvidos com o tráfico.

Reconstituindo a trajetória de vítimas de homicídio, podemos perceber algumas recorrências, conforme apresentamos sinteticamente no quadro 1.

Quadro 1: Trajectórias das jovens assassinadas

	Jovem 1 (S)	Jovem 2 (T)	Jovem 3 (M)	Jovem 4 (B)
Idade	15 anos	16 anos	16 anos	16 anos
Histórico da família	Pessoas sem envolvimento com o tráfico ou posse de armas	Pessoas sem envolvimento com o tráfico ou posse de armas	Pessoas envolvidas com drogas e posse de armas	Pessoas envolvidas com drogas e posse de armas
Escola, situação	Abandono da escola	Abandono da escola	Abandono da escola	Abandono da escola
Armas	Não possuía	Não possuía	Não possuía	Não possuía
Assassinos	Um grupo de quatro ou cinco jovens traficantes. Homens	Um grupo de quatro ou cinco traficantes. Homens.	Jovem marginal. Homem.	Jovem marginal. Homem.
Local do assassinato	Um barraco nas palafitas	Um barraco nas palafitas	Em frente à casa, na rua	Na pista, numa avenida
Socorro	Não houve	Não houve	Não houve	Não houve
Companhia na hora da morte	Da outra jovem assassinada	Da outra jovem assassinada	Sozinha	Sozinha
Marginalização e contacto com outros jovens	Namorada de traficante	Namorada de traficante	Envolvimento com o tráfico	Envolvimento com o tráfico
Tipo de arma	Facas e revólver	Faca e revólver	Revólver	Revólver
Enterro	Em cemitério, sem inscrições lapidares	Em cemitério, sem inscrições lapidares	Em cemitério, sem inscrições lapidares	Em cemitério, sem inscrições lapidares

O quadro mostra aspectos que merecem ser sublinhados, como o facto de metade dos casos ter no histórico familiar o envolvimento com o tráfico. Isto pode sugerir uma possibilidade de inserção das jovens em tais redes.

A idade que apresentam no momento do homicídio varia entre 15 e 16 anos, indicando ser este um período crítico na trajectória de desenvolvimento das jovens, com o advento de novos papéis sociais e particularmente pelo relacionamento afectivo com jovens inseridos na marginalidade.

Outro aspecto que chama à atenção é o abandono da escola em todos os casos, o que mostra a mudança de hábitos reconhecidos como contrários à marginalização.

Em nenhum dos casos houve a possibilidade de socorro por parte de outras pessoas da periferia, o que mostra de forma bem delineada a distância e a separação entre a inserção e a marginalidade.

Duas das jovens assassinadas eram namoradas de jovens marginais e duas tinham envolvimento com o tráfico. As primeiras foram mortas num ambiente fechado e aquelas com envolvimento com o tráfico foram mortas na rua, o que mostra as particularidades entre o tráfico e as rixas dele derivadas.

Em todos os casos, o homicídio foi perpetrado por jovens do sexo masculino, utilizando armas de fogo e brancas, sendo que os dois primeiros casos tiveram requintes de crueldade. Após o homicídio, todas as jovens foram sepultadas em cemitérios sem inscrições lapidares, indicando esquecimento das suas trajectórias.

Considerações finais

Como aspecto recorrente, presente nos homicídios das jovens que aqui aludimos, há ainda invisibilidade de tais casos, pois conforme indica o Fórum Comunitário de Combate à Violência [FCCV 2002: 18], “os rastros da violência praticada contra a mulher são mais difíceis de identificar: a maior parte das agressões não mata” e há a predominância de homicídio de homens.

Os casos analisados neste estudo identificam diversas formas de violência que vitimam as jovens da periferia, assim como os mecanismos de exclusão, gerados pela estigmatização [Goffman 1988] relacionada com o envolvimento com o tráfico e com os jovens marginais.

Do mesmo modo, aponta para a recorrência dos homicídios em virtude desses envolvimento e mostra como ainda são pouco divulgados os dados referentes às trajetórias de desenvolvimento das jovens, indicando a sua invisibilidade [Soares 2004] diante da assunção de novos papéis sociais e relações afetivas.

Os casos aqui descritos apontam para o facto das jovens terem sido associadas aos marginais, assim como a violência que elas sofrem está ligada a aspectos afetivos e relacionais. Em relação à trajetória de marginalidade das jovens, existe certa invisibilidade, pois as pessoas só referem que elas cresceram e começaram a envolver-se com marginais quando esse envolvimento já vai no estágio mais imbricado possível, sem condições para revés. Assinala-se que o desenvolvimento das jovens não é acompanhado pelos pais e demais pessoas da periferia.

Assim, regista-se uma espécie de abandono por parte dos responsáveis das jovens, dado o perigo que as relações estabelecidas trazem, porque namorar um jovem marginal acarreta riscos, protecção e respeitabilidade dentro da periferia e diante de contendias e rixas. Mas não estando com eles, as jovens sofrem as consequências da vingança, como foi possível constatar nalguns dos casos aqui analisados.

Referências bibliográficas

- BASTOS, Ana Cecília de Sousa et al.
2007: “Conversando com famílias: crise, enfrentamento e novidade”, in: Ana Maria Almeida Carvalho & Lúcia Vaz Campos Moreira (org.) *Família, subjetividade, vínculos*, São Paulo: Paulinas
- BAUMAN, Zygmunt
1999: *Globalização. As consequências humanas*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- BILL, M. V. & Celso ATHAYDE
2007: *Falcão. Mulheres e o tráfico*, Rio de Janeiro: Objetiva
- CECCHETTO, Fátima Regina
2004: *Violência e estilos de masculinidade*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas
- ELIAS, Nobert & John L SCOTSON
2000: *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- FCCV (Fórum Comunitário de Combate à Violência)
2002: *O rastro da violência em Salvador — II. Morte de residentes em Salvador, de 1988 a 2001*. Salvador

- GASKELL, George
2003: "Entrevistas individuais e grupais", in: M. W. Bauer & G. Gaskell (ed.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, Petrópolis: Vozes
- GOFFMAN, Erving
1988: *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Rio de Janeiro: LTC
- LAPLANTINE, François
2000: *Aprender antropologia*, São Paulo: Brasiliense
2005: *A descrição etnográfica*, Paris: Armand Collin
- KODATO, Sergio & Ana Paula Soares da SILVA
2000: "Homicídio entre adolescentes: refletindo sobre alguns fatores associados", *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 13 (3), pp. 507-515
- MAFFESOLI, Michel
2001: *Sobre o nomadismo. Vagabundagens pós-modernas*, Rio de Janeiro: Record
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de
2000: *O trabalho do antropólogo*, 2a edição, Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP
- PORTO, Madge
2006: "Violência contra a Mulher e Atendimento Psicológico. O que pensam os/as Gestores/as Municipais do SUS", *Psicologia: Ciência e Profissão*, vol. 26 (3), pp. 426-439
- SOARES, Luiz Eduardo
2004: "Juventude e violência no Brasil contemporâneo", in: R. Novaes & P. Vannuchi (org.) *Juventude e Sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação*, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo

Recebido a: 27/Junho/2011

Enviado para avaliação: 18/Ago/2011

Recepção da apreciação: 22/Set. e 23/Novembro/2011

Aceite para publicação: 25/Novembro/2011

Title

The homicide of the young girls in the periphery of Salvador, Bahia (Brasil).

Abstract

The present article analyses the violence against the young girls of the periphery of Salvador, Bahia, taking as reference the case of young girls murdered for belonging to the relationship group of the other young people, male, inserted in marginality trajectories. An, ethnographic study was conducted to reconstitute, through interviews and focal groups, the developmental trajectories, the modalities of violence perpetrated against the young girls, among them the homicide, also when practiced in the context of affective relations. Finally, we present the young girls marginality continuum, culminating with the death and Interrogate the relative silence of social institutions, inclusive in academic contexts, in face to the recurrence of these homicides.

Key-words

Young girls' homicide, violence, gender.